

12ª edição



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

DF
DI

L • E • T • R • A • S

SUPLEMENTO CULTURAL ANO I Nº 12 Brasília, 30 de junho de 1994

**Idéias,
Imagens,
palavras**



Encarte especial
Os poetas

Felipe

A Caminho do Reino

A incrível trajetória político-religiosa de Victor Coelho (1879-1944)

□ Sérgio Ricardo Coutinho

Quando elaborava a minha dissertação final do curso de graduação em História — acerca da ação social católica do bairro operário carioca de Bangu no início do século — me deparei com um personagem intrigante.

Este era o cônego Victor Coelho de Almeida, primeiro vigário daquele bairro. Fora ordenado em Roma onde se formou em Filosofia e Teologia, pela Universidade Gregoriana, como aluno do Colégio Pio Latino-Americano. Antes de assumir a comunidade de Bangu, tinha sido reitor do Seminário Maior do Rio de Janeiro e exercia outras atividades de confiança como examinador do clero e superior de religiosas (1).

Na sequência da pesquisa sobre a ação da Igreja naquele bairro, encontrei uma circular de 1919 do Vigário-Geral da Arquidiocese do Rio, comunicando a todo o clero secular regular da excomunhão de Victor Coelho por ter se tornado "público e notório a sua apostasia da fé católica", tendo também aderido ao protestantismo do qual se tornou "ardoroso apologista" (2). Sabia, também, que o nosso personagem tinha várias publicações, como artigos em jornais e livro. Tive a idéia de procurar seu nome na Enciclopédia de Literatura Brasileira e, para minha surpresa, encontrei seu nome, uma pequena biografia que me informava

que Victor Coelho havia retornado ao catolicismo em 1928 e fundador da Academia Goiânia de Letras (3).

Essas três informações me motivaram a aprofundar a pesquisa sobre Victor Coelho. Consegui fontes valiosas que proporcionaram um projeto para a pós-graduação em História da Universidade de Brasília. A justificativa para este estudo está no fato de que a reconstrução da trajetória deste homem possibilitará lançar luzes sobre as possibilidades e as restrições das ações humanas no interior de uma sociedade complexa. Meu objetivo é recuperar os "acontecimentos" de vida de Victor Coelho e relacioná-los com as "estruturas" social, econômica, política e cultural na qual estava inserido.

Assim, meu trabalho estará dividido em três grandes momentos que refletem, no meu modo de ver, as principais fases de Victor Coelho de Almeida, ou seja, quando estava a "serviço da Igreja" como sacerdote católico, depois como um "ex-padre" nos quadros do protestantismo e, finalmente, quando, "arrependido", volta ao catolicismo.

Victor Coelho de Almeida nasceu no dia 8 de setembro de 1879 no Rio de Janeiro, descendente de duas tradicionais famílias da aristocracia imperial —

as famílias do Conselheiro Thomaz Coelho e do historiador e político alagoano Mello Moraes.

Ficou na Capital Federal até aos dez anos de idade, quando foi para Paris viver com sua avó que passava por dificuldades. Antes de ir para a França, Victor Coelho tinha manifestado desejo de ser padre para sua mãe, porém durante os dois anos em que viveu na Europa frequentou, ao lado de sua avó, conferências e cultos evangélicos.

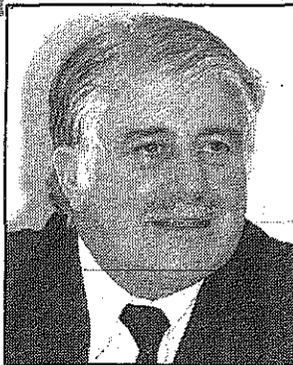
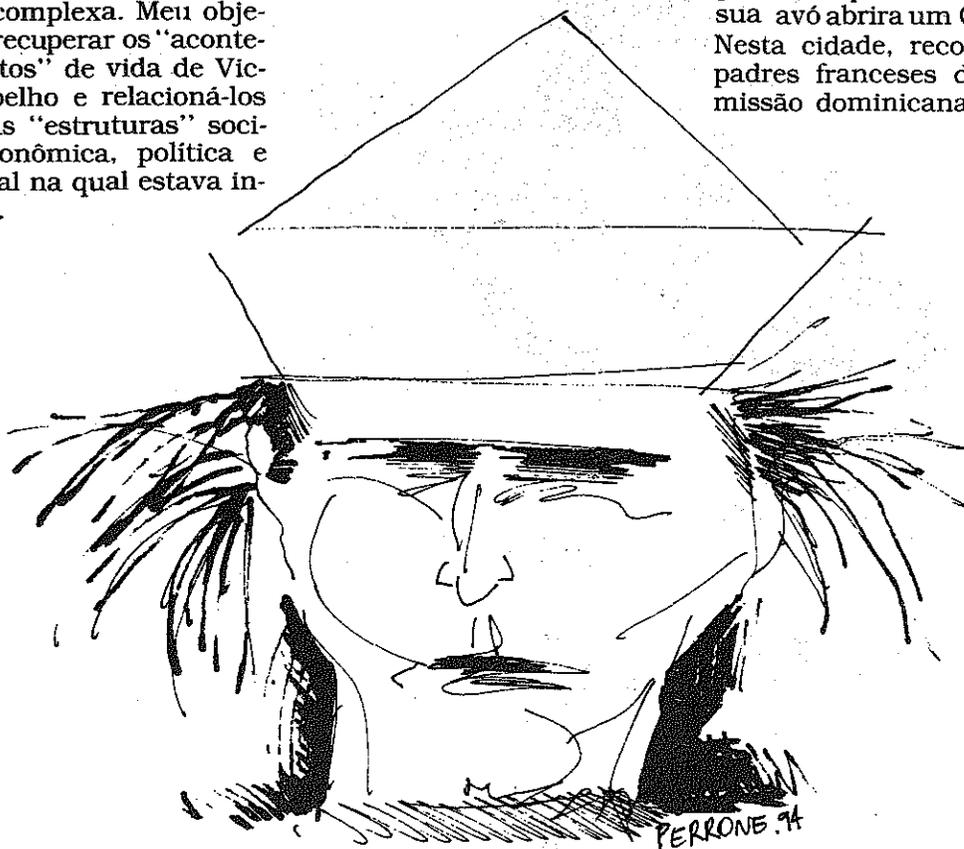
Retorna ao Rio em 1891 (também a avó, um pouco mais tarde) e no ano seguinte vai para Araxá, onde sua avó abriu um Colégio. Nesta cidade, reconheceu padres franceses de uma missão dominicana. Estes

lhes aconselharam a fazer os estudos secundários no Seminário de Goiás. O vigário também fez o mesmo, dizendo-lhe ainda que após o término dos estudos podia seguir a carreira que quisesse.

Em 1892, sem ter ainda a mínima idéia se queria realmente abraçar a vida clerical, dava entrada no Seminário de Vila-Boa (hoje Goiás Velho). Um ano mais tarde é que começou a concordar com sua "vocação" sacerdotal.

Por volta de 1895, sua mãe lhe escreve lamentando informar que não tinha mais condições financeiras para custear os estudos no Seminário. O reitor do estabelecimento chamou-o e disse que, em vista do seu procedimento e aplicação, tomaria para si o cargo de todas as despesas e que o mandaria para Roma estudar às custas dele até a conclusão do curso.

Muitos dos "melhores" jovens, para irem a Roma, eram, via de regra, escolhidos pelos bispos diocesanos após consulta aos reitores e diretores espirituais dos seminários. Iam para o Colégio Pio Latino-Americano, cujo objetivo era oferecer aos futuros quadros do primeiro escalão latino-americano uma formação ajustada à política recém-implantada de "romanizar" as igrejas nacionais (4). Victor Coelho estava incluído neste rol



Salviano
Guimarães
-PSDB

Porque criei o DF Letras

O **DF Letras** está completando a sua 12.^a tiragem como uma publicação consolidada e consciente de sua responsabilidade no papel de difundir, ampliar e contribuir para o debate da cultura em todas as suas formas. A cultura é a base do desenvolvimento e, como tal, existe sem que você precise dar a ela — no sentido mais amplo da palavra — nenhum instrumento. A cultura existe a partir da nossa própria existência, ela é a expressão dos nossos hábitos e das nossas relações.

As instituições que se prezam e sabem a importância da cultura como base do desenvolvimento têm que proporcionar os meios de difusão cultural. O que significa isso? Significa apoiar, para que os cidadãos que também estejam preocupados, que estejam produzindo sobre qualquer manifestação, tenham como difundir isto. Então, o Estado tem que ser responsável e precisa apoiar a difusão cultural. O Estado não faz cultura, apenas dá o apoio necessário para que ela se desenvolva e se propague.

E foi dentro desta perspectiva, como presidente da Câmara Legislativa do DF, de uma instituição que reconhece que a cultura é a base do desenvolvimento e precisa do apoio para acontecer e, baseado nessa realidade é que propus a criação do suplemento **DF Letras**, um veículo de difusão de todas as atividades que acontecem nessa área. Não trata apenas do aspecto linguístico mas há espaços também para o desenho, a memória e um pouco da nossa história, do nosso passado, de todas as bases que lançaram a nossa cultura.

dos "melhores" e embarca para Roma em 1897.

Após sete anos de estudos, sai diplomado como doutor em Filosofia e Teologia pelo Pio Latino e pela Universidade Gregoriana. Victor retorna ao Brasil, mais especificamente ao Rio, solicitado pelo cardeal Joaquim Arcoverde. Em fevereiro de 1904 nomearam-no reitor do Seminário do Rio e, alguns meses depois, recebe o título de cônego da Catedral. Contava apenas pouco mais de 24 anos, e ocupava o 3º cargo mais importante da Arquidiocese, abaixo apenas do cardeal e do bispo-auxiliar.

O cônego passa a se dedicar aos estudos sociais e à questão operária. Desde Roma que a questão social o preocupava. Pensou em realizar o plano de Leão XIII em um centro operário no Rio, por isso recusou as paróquias da Glória e de São João Batista (Botafo-go) pelo curato que seria criado dentro dos limites da fábrica de tecidos Progresso Industrial do Brasil em Bangu.

Assume a paróquia no dia do seu aniversário em 1908. Desenvolve grande atividade: cria a freguesia de Realengo, fundou associações religiosas, círculos de estudos sociais, manteve um boletim paroquial gratuito e fundou um semanário católico para os operários chamado "A Voz do Povo".

No final de 1911, vai transferido para o centro do Rio onde se estabelece na paróquia de Santa Rita.

Em janeiro de 1913, durante uma reunião do Conselho de Vigilância, Victor Coelho entra em desentendimento com o bispo-auxiliar, D. Sebastião Leme, e o padre Júlio Maria sobre a criação ou não de ligas eleitorais católicas ao invés de um Partido Católico nacional que tinha sido idealizado pelo cônego.

Este conflito provocou a demissão de Victor Coelho de todas as obras, conselhos, jornais e sociedades católicas que atuava em sinal de protesto. Um ano depois, largou a batina e fugiu para o interior de Minas Gerais em companhia de uma ex-cantora do coro de Santa Rita. A partir daí, inicia-se a vida do "ex-padre".

Victor Coelho tentou a vida como farmacêutico e professor no interior de Minas, São Paulo e Bahia até 1919. Sua vida não foi nada fácil, principalmente após o nascimento de sua

filha e da descoberta do seu paradeiro pelo bispo-auxiliar de Campinas, Monsenhor Mamede. A pressão que a Igreja fez para que retornasse ao antigo posto e o conseqüente abandono da família foi muito violento.

De volta ao Rio, ele e sua esposa foram assistir uma série de conferências do Rev. Álvaro Reis, pastor da Igreja Presbiteriana, durante a semana santa de 1919. Nas várias conferências que assistiu após aquelas, uma chamou a atenção. Um ex-padre, Hippolyto Campos, falou sobre o verdadeiro sacerdócio de Cristo. Isso foi a gota d'água nas convicções católicas de Victor.

Sua abjuração pública foi publicada nos jornais "A Razão", "O Paiz" e "Jornal do Comércio", além de ter sido reproduzida em folhetos e vendidos pelos "camelôs" no centro do Rio. O título da conferência era: "Porque abjurei a Igreja Romana".

Faz palestras em São Paulo e sofre ameaças de morte. No Rio, faz nova conferência agora no bairro operário de Bangu. O padre do lugar (um velho amigo de Victor) contratou capangas para assassiná-lo. Sua palestra causou grande confusão e por pouco não retornava com vida, ele e sua família. Este

fato se deu em plena greve dos têxteis em toda a Capital Federal. Isto motivou sua "excomunhão" pelo cardeal Arcoverde.

De 1920 a 1925, foi assessor imediato de Álvaro Reis no presbitério do Rio. Além disto, passou a escrever para o jornal "Puritano" e lançou o mensário "O Ex-Padre". Em junho de 1925 morre Álvaro Reis e a vaga de pastor fica vaga. Nas eleições de outubro, dos 415 votos em jogo, Victor Coelho foi proclamado o novo pastor com uma votação esmagadora de 245 votos contra os 76 do segundo colocado.

Os derrotados criam muitos empecilhos para a tomada de posse. Alguns membros da Presbiteriana convencem Victor a fundar uma outra igreja denominada de "Igreja Presbiteriana Livre", sendo que o pastorado ficaria sob sua responsabilidade. Em 1926 estava criada a nova denominação. A partir daí, começa a se decepcionar com a "politicagem" dos membros da Igreja Livre e no final de 1927 abandona o protestantismo.

Victor Coelho estava "sedento do serviço de Deus" e com sérios problemas conjugais e financeiros. Procura Dom Leme, agora cardeal do Rio, em fins de 1928, tentando

uma volta ao catolicismo. Diz ao bispo que se divorciaria de sua mulher e que iria para Goiás onde pudesse trabalhar pela "construção do Reino", além de participar de explorações mineradoras em busca de ouro e diamantes.

Após um retiro espiritual em Nova Friburgo (RJ), Victor Coelho diz publicamente que "errou, supondo acertar". Estava de volta ao catolicismo (5).

Em meados de 1929, Victor inicia, no Liceu de Goiás, sua atividades educadoras, conquistando a cadeira de Filosofia por concurso. Em 1931, funda a Escola Normal de Anápolis e, no mesmo ano, lança em Bonfim (Silvânia), como redator-chefe, o "Brasil-Central", órgão da diocese de Goiás. Tinha neste jornal uma coluna chamada "Protestantices" onde combatia "os planos dos expansionistas yankees semeadores de heresias".

A atividade política de Victor se intensifica em Goiás. A pedido do arcebispo D. Emmanuel Gomes de Oliveira, foi ele participar do Congresso do Partido Social Republicano do estado (dez/1932).

No início de 1933, fez excursões a Pirenópolis, Anápolis, Bela Vista, Pires

do Rio, Santa Cruz, Ipameri e Catalão para organizar a Liga Eleitoral Católica (LEC). Em represália à sua atividade política, o interventor de Goiás, Pedro Ludovico, demitiu-o do cargo de Inspetor do Ginásio Anchieta em 1934 e nomeou, por intermédio do Governo Federal, um sobrinho seu.

Este fato obrigou Victor Coelho a cooperar com outros políticos na criação de um partido de oposição chamado de "Coligação Libertadora". Em julho daquele ano, participou do Congresso Político em Ipameri, como representante da LEC, impugnou a chapa dos deputados federais, por ter sido incluído um comunista, que tinha escrito violentos artigos contra o catolicismo, "não poupando a Deus e nem a N. S. Jesus Cristo".

Foi eleito deputado estadual, por Campo Formoso, à Constituinte goiana em 1935, sendo encarregado de redigir os anteprojetos relacionados à educação e à economia.

Ficou na política até o término do seu mandato em 38. A partir daí, a história de Victor Coelho entra em um período de "trevas", pois temos poucas informações, porém sabemos que se tornou cofundador da Academia Goiana de Letras em 1939, ocupando a cadeira de nº 3.

Nem mesmo a sua filha, D. Talitha Coelho de Almeida, em depoimento, conseguiu nos fornecer informações precisas da vida de seu pai neste período. Ela só voltou a encontrá-lo nos dias em que ele estava prestes a morrer.

Victor Coelho de Almeida morreu no dia 3 de novembro de 1944, vitimado por insuficiência cardíaca.

NOTAS

1 - SANTOS, Ferreira dos. **A Archidiocese do Rio de Janeiro**, RJ, Leuzinger, 1914, pp. 402-403.

2 - **Aos Rvms. Snrs. Párocos, Capelães, Superiores Religiosos e Confessores**, RJ, Typ, Martins de Araújo, 1919.

3 - COUTINHO, Afrânio (dir.) **Enciclopédia de Literatura Brasileira**, RJ, FAE, 1989, p. 191.

4 - MICELI, Sérgio. **A Elite Eclesiástica Brasileira**, RJ, Bertrand Brasil, 1988, pp. 86-87.

5 - **A Tribuna** (Campinas), 06/02/1932.

□ Sérgio Ricardo Coutinho - Mes-trando em História do Brasil pela Universidade de Brasília

